

O olho torto...

para fora

M. I. Rollemberg

Na minha infância, uma das maiores diversões da garotada era tentar imitar um vesgo. Ao conseguir tal proeza, as gozações atingiam o auge. Coitado de alguém com esse defeito. Os garotos não perdoavam. É incrível a impiedade da meninada nessa idade. Os adultos de certa forma tentam disfarçar.

Nunca dei maior importância ao assunto, exceto o aspecto físico, até ter chamada a atenção por uma cliente. Sua irmã, profissional brilhante, inteligência acima da média, lédima representante de uma família na qual esta particularidade constitui um lugar-comum, sempre teve seus momentos de nervosismo. Porém, ninguém dava maior importância. Pensavam que talvez fosse reação a um ambiente machista. Conseguiu completar sua formação acadêmica com grande brilhantismo. Escritora bissexta, ao terminar seu curso superior foi escolhida oradora oficial da turma. Depois de um conúbio desastroso, suas crises começaram a sofrer agravamento com o aumento da frequência, evoluindo para uma característica nitidamente psicótica, com caráter epileptiforme. Em uma destas, nem mesmo sete adultos puderam contê-la e a necessária colaboração de mais al-

guns foi impedida pela falta de espaço, devido a seu tamanho *mignon*. Tinha um discreto desvio do olho para fora, que nestas crises se acentuava desmedidamente.

Desde então, minha cliente passou a controlar o comportamento da irmã, ficando preocupadíssima quando notava seu olho mais desviado. Parecia o sinal premonitório de uma nova crise. Daí passei a prestar maior atenção ao comportamento de pessoas com esse defeito, nitidamente diferente dos vesgos, digo, estrábicos, que aparentemente são mais calmos.

Em meu tempo de estudante tive um professor de clínica com o gênio de uma cobra. Malcriado, mal-humorado, grosseiro, tinha coincidentemente esse defeito visual. Quando inquiria um estudante e a resposta vinha de outro do lado oposto, virava uma fera. Há algum tempo conheci um profissional com o mesmo sobrenome. Quando indaguei pelo parentesco, desabafou que aquele nome só lhe havia trazido aborrecimentos, já que as pessoas só tinham palavras pouco elogiosas ao dito-cujo, aproveitando para indagar se seu gênio tinha alguma semelhança, o que muito lhe desagradava.

Lembrei-me, então, de nosso ex-presidente que surpreendeu a nação e o

mundo com sua renúncia, nunca devidamente esclarecida. Um de seus traços característicos, muito explorado pelos caricaturistas da época, era justamente esse olho torto, além de seu jeito pernóstico de falar. Isto devia incomodá-lo, tanto que se submeteu a sua correção cirúrgica na Inglaterra. Corrigiu o defeito ocular, mas não seu comportamento, acabando por lançar o país na maior crise de sua história, da qual sentimos os efeitos até hoje.

Recentemente foi lançado em DVD o filme *O Triunfo da Vontade* de Leni Riefenstahl, uma verdadeira obra-prima da propaganda nazista, embora a notável cineasta negue peremptoriamente até hoje esta intenção. Na sequência final, quando o *Führer* faz seu discurso em Nuremberg diante daquela massa compacta, seu rosto enche totalmente a tela, com seus contorcionismos oratórios mostrando claramente aquele olho desviado.

Nas últimas semanas o mundo foi surpreendido pelas *démarches* lideradas pelo presidente dos Estados Unidos por um encontro dos primeiros-ministros das duas partes em litígio crônico na Palestina, em Sharm-El Sheik, às margens do Mar Vermelho. O presidente surge como um novo Caio Júlio César com o epíteto *veni, vidi, vincit* do Afeganistão e do Iraque. Com sua característica texana, pretende resolver o conflito aparentemente sem

solução. Com a experiência de décadas naquela região, o brilhante diplomata brasileiro Antonio Sampaio Amaral tem explicado por meio de inúmeros artigos em jornais de grande circulação a enorme dificuldade em chegar-se a uma solução para aquela triste e sofrida região, tão cheia de significados para toda a humanidade. Tem enfatizado e enumerado as vezes em que o acordo esteve próximo de um final feliz, quando uma das partes ou as duas juntas atrapalharam irremediavelmente um acordo razoável. Desta vez, no dia seguinte à reunião histórica, nem eram passadas 24 horas e o rotundo *premier* de uma das partes mandava matar o líder de uma das facções contrárias, provocando uma retaliação, logo seguida de uma contra-retaliação mais violenta ainda. Para ironizar, a outra parte chamou o *premier* adversário de "pintinho depenado". O que terá pensado do presidente? Fixando seu olhar, acompanhado de passos ondulantes necessários para equilibrar todo aquele peso, vê-se nitidamente o olho desviado, acompanhado de um sorriso sarcástico.

O que será que acontece com essas pessoas? Será que o defeito os conduz a um tipo de comportamento que não admite contestação? A negação de suas vontades é interpretada como uma crítica, mesmo velada, conduzindo-os

insensivelmente a uma atitude de cunho ditatorial? Caracterizaria isto algum criptodistúrbio? Eis aí um desafio ao meu amigo professor Palomba para decifrá-lo e provavelmente nos explicar, como consegue fazê-lo em outros quadros, perdão, comportamentos tão bem expostos em seu tratado recentemente lançado (Tratado de Psiquiatria Forense: civil e penal, São Paulo, Atheneu Editora, 2003).

M. I. Rollemberg

Autor do livro *Nos Tempos da Panair*.

Explicação de Guido Palomba:

Aqui não é "Freud explica", mas "Lombroso explica". Veja a página 84 do livro que o senhor citou, onde se lê: "Para Cesare Lombroso, o gênio tem duas faces, uma, a genialidade e outra, a degeneração, ou seja, todos os gênios são degenerados. Para demonstrar a sua teoria, admitia uma extensa lista de degenerações como, por exemplo, inquietações e viagens compulsivas, gagueira, canhotice, estrabismo, raquitismo etc."

Anedotário médico (parte I)

Ridendo castigat mores

Rindo castigam-se os costumes

Santeuil

A primeira anedota sobre os médicos e a medicina talvez tenha nascido no Éden. Conta-se que Adão desapareceu do Paraíso e ninguém conseguia encontrá-lo, até que um homem muito velho e sábio disse que poderia achá-lo. Mandou que todos os varões ficassem em fila, e examinou-os respeitosamente até apontar o primeiro homem. Um dos presentes, aturdido, perguntou: "O senhor tem certeza?" "Claro", respondeu o velhinho, é o único sem cicatriz umbilical!"

O grande cirurgião lorde Lister foi chamado à noite para ver um cliente muito rico. Após examiná-lo, o ilustre mestre lhe disse com voz grave: "O senhor fez seu testamento?" O cliente respondeu: "O senhor pensa que é chegado o momento?" "Chame um advogado e duas testemunhas", resmungou Lister. "É tão grave assim o meu caso?" "Sim", retruca Lister. "Eu não sou o único asno a ser despertado inutilmente!"

Oswaldo Lacrete

Obstetrícia é a mais antiga das especialidades médicas, mas a partir de século XIX surgem as primeiras sátiras a respeito, principalmente na França. Havia um obstetra francês muito respeitado e dele existem axiomas e aforismas célebres:

Faz mal quem toca mal.

Para fazer um bom parteiro é preciso ciência e paciência.

Para a dequitação força é esperar e esperar.

Em casos difíceis, o tempo é o melhor meio de diagnóstico.

■ Na aplicação do fórcepe:

Ramo esquerdo seguro por mão esquerda, à esquerda da operanda e o primeiro a ser aplicado; tudo à esquerda, menos o parteiro.

■ Na cesárea:

É operação de salvamento que secciona a árvore para obter o fruto, é assassinato científico!

As membranas devem ser expulsas babando!

A húngara

Albert Zeitouni

Quando ele avistou Margit, ela estava 20 quilos mais gorda, mas suas volumosas nádegas conservavam o sobe-e-desce que chamara sua atenção quando ainda era acadêmico de direito. Nessa época ele tinha por hábito sentar nos bancos de cimento de pracinha a duas quadras da faculdade e ali flunar entre leituras distraídas dos cânones. Circundando o pequeno jardim e seu chafariz estavam a avenida e três lados de pequenos edifícios de apartamentos. Em várias ocasiões vira a então jovem de vestido apertado, florido e inadequado sair do saguão sem porteiro do prédio de tijolos em cima da floricultura. Ela ia em seu passo apressado carregando a sacola de plástico trançado. Beleza curiosa e intrigante, corpo exuberante, rosto de menina, malícia de mulher. Ela se habituara ao olhar cravado às costas e sentia arder o losango de Michaelis. Finalmente, se estimulou e um dia permitiu a aproximação. Disse-lhe morar apenas com o pai, emigrante húngaro de passado inconfessável, violento e emotivo, dado a bebedeiras e depressões. Nunca dera a entender se János Szabó tinha sido comunista, nazista ou ambas as coisas. Sua inocente intuição lhe soprara que devia evitar certos assuntos, pois acabariam por expor mãos ensangüentadas, esposas espancadas e vítimas destroçadas. As conversas com Margit eram curtas e furtivas, e seus olhos muito azuis e amendoados oscilavam o tempo todo entre as janelas do 2º andar e o rosto daquele a quem diria amar um dia. E foi o que ela fez naquele fim de tarde, depois de o pai sair para seu

misterioso ritual noturno. Levou-o para dentro do mofado edifício, e no patamar do 1º andar sussurrou a confissão na linguagem universal que prescinde de tradução. *Szretlek, szretlek*. O húngaro é uma língua curiosa, e se assemelha apenas ao finlandês, ao estoniano e ao turco. Traduz possivelmente a mistura do cuspe otomano, do sangue magiar, e do sêmen cigano nos muitos caminhos desde a Índia até a Ibéria do século XI. E Margit tinha tudo isso na sonoridade do seu sotaque, nos seios fremitantes e na pressa desesperada de amar. Com as semanas vieram as imprudências e as paixões sem fronteiras. E ela o conduzia até o apartamento cheirando a cebola e páprica de muitos gordurosos *goulashes*. Na desordem dos pobres cômodos, entre beijos e secreções, punha a tocar o único disco que possuía. E cantava em comovente parceria com Caetano Veloso: *Soy loco por ti, América, soy loco por ti de amor*. Como gostava do refrão! Com que alegria balançava o corpo gerado na brumosa Koleske das margens do Danúbio!

Uma noite o destino pregou sua peça, quando János voltou antes do previsto. Esmurrou a porta, esbravejando em etílico húngaro. Escondido dentro do armário embutido do quarto de Margit, o estudante prendia a respiração e tentava adivinhar o que diziam os bigodes enormes da fera. *Nary Kar, lány* gritava ritmicamente o gigante. E ela, entre lágrimas, se desculpava pela porta trancada. *Tesef, tesef*. A noite foi um terror de insônia. A expectativa de ser estrangulado o fazia agarrar-se aos cabides. János ru-



minava e resmungava entre a aguardente e o salame. Desmaiou nas trevas sobressaltadas dos assassinos, e dormiu de boca cheia. A noite toda, a interminável noite, o estudante ouvia o ressonar do bêbado esparramado no sofá da sala. Sem saída, encurralada pelo corpo do monstro, Margit ia e vinha. Em pânico, lhe soprava entre as frestas: "Seja paciente, fique aí, por favor, não faça barulho, *szretlek*". E assim foi, entre os ruídos das vísceras de János, o suor enfim enxugado pela rendição ao sono de Margit e o cheiro do alho. Exausto, sonhou com uniformes, montanhas escarpas, violinos gemendo e carroças tristemente coloridas. Foi despertado pelo dueto: *Soy loco por ti, América...* A vida recomeçava.

Albert Zeitouni
é diretor da Associação
Paulista de Medicina.

A GRIPE ESPANHOLA DE 1918:

O IMPACTO DA EPIDEMIA NA SOCIEDADE PAULISTANA

Emeric Lévy

Em meio ao noticiário da recente guerra travada no Iraque, os jornais apontavam, com igual destaque, um surto de pneumonia atípica, batizada de "síndrome respiratória aguda severa" (Sars) que já atinge cerca de vinte países e alarma cientistas do mundo inteiro, diante da rápida propagação da doença.

Hoje, as informações são preocupantes, visto que o surto já alcançou o Canadá, tendo a presidente da Organização Mundial da Saúde (OMS) conclamado todos os países a cooperar a fim de conter o avanço da "primeira epidemia mundial do século XXI" que já matou na Ásia 318 pessoas (cf. *O Estado de S. Paulo*, edição de 28/4/03).

Nesta capital, a Secretaria de Estado da Saúde, reservou, por precaução, 24 leitos para receber possíveis doentes, constando que o Instituto de Infectologia Emílio Ribas acaba de receber um paciente oriundo da China continental, onde esteve a trabalho, com sintomas da doença, à semelhança do que ocorreu anteriormente no Hospital Albert Einstein, onde esteve internada uma jornalista inglesa suspeita de estar contaminada pelo mesmo vírus, enquanto outro paciente, um garoto chinês, na cidade de Sorocaba, aguarda o resultado dos exames (cf. *O Estado de S. Paulo*, edição de 26/4/03).

A rápida propagação da moléstia, que atravessa fronteiras numa velocidade alarmante, facilitada pelos meios de transporte aéreo, faz lembrar a pavorosa gripe espanhola, de 1918, assim denominada não porque a doença tenha se iniciado na Espanha, mas porque este país fora um dos últimos a ser atingido na Europa pelo surto

epidêmico, quando já se mostrava iminente o fim da Primeira Guerra Mundial.

Especialistas, como João Toniolo Neto, estimam que a referida pandemia matou aproximadamente 30 milhões de pessoas no mundo, tocando ao referido país asiático o maior número de óbitos (8 milhões), além da Nova Zelândia que perdeu 25% da sua população, vítima da *influenza* (cf. *A História da Gripe*, págs. 38-39, Dezembro Editorial, 2001).

A cidade de São Paulo e outras capitais do país pagaram elevado tributo à gripe espanhola, que não poupou nem sequer as populações mais afastadas dos centros urbanos, chegando a alcançar membros da expedição do marechal Rondon e tribos de índios carajás, às margens do Rio Araguaia.

Aquela época, os meios disponíveis para o combate da terrível calamidade eram escassos, contando os médicos do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo apenas com comprimidos de aspirina, cloridrato e sulfato de quinino, e óleo canforado, aplicados nos primeiros casos detectados na primeira semana de outubro, como referem os médicos Carlos Luiz Meyer e Joaquim Rabello Teixeira em monografia de inegável valor histórico, na qual descrevem os dias de pavor na luta contra a doença (cf. *A Gripe Epidêmica no Brasil, Especialmente em São Paulo*, 1920).

O tema foi retomado por Cláudio Bertolli Filho, com excelentes subsídios acerca da origem da doença e das medidas profiláticas adotadas pelos órgãos governamentais, com alusão aos medicamentos anunciados nos

"reclames" dos jornais, para mitigar os efeitos da gripe (cf. "A Gripe Espanhola em São Paulo", in *Revista Ciência Hoje*, vol. X, nº 58, outubro de 1989).

No Rio de Janeiro, Luiz Antonio Teixeira, ilustre pesquisador da Casa Oswaldo Cruz, deu a lume importante estudo sobre a epidemia, focalizando em seu trabalho acadêmico o eixo Rio-São Paulo, por ter sido esta região, de grande densidade demográfica, a que apresentou consequências mais trágicas da gripe (cf. *Medo e Morte: sobre a epidemia da gripe espanhola de 1918*, Rio de Janeiro, 1993).

A dramática luta contra a morte

A epidemia que assolou São Paulo durante três meses teria vindo do Rio de Janeiro, trazida por jogadores de futebol, hospedados no antigo Hotel D'Oeste, situado no Largo de São Bento, registrando-se o caso de um estudante que, infectado, dera entrada no Hospital de Isolamento, hoje denominado Emílio Ribas, de maneira a despertar as atenções do Serviço Sanitário, então dirigido por Arthur Neiva, com a mobilização de hospitais e postos de socorro, a cargo de Arnaldo Vieira de Carvalho, na direção dos respectivos serviços clínicos, destacando-se nessa luta a Santa Casa de Misericórdia, que recebeu o maior número de vítimas (cf. Glauco Carneiro, *O Poder da Misericórdia*, 1º vol., págs. 455 e segs., edição de 1986).

O então prefeito de São Paulo – Washington Luiz –, entrosado com o governo do Estado, administrado por Altino Arantes, pôs em prática um plano de assistência à população, mediante a colaboração do arcebispo metropolitano, dom Duarte, e outras institui-

ções religiosas, inclusive lojas maçônicas e a Liga Nacionalista, com vistas ao abastecimento da cidade, tomando por base uma população estimada em 500 mil habitantes (cf. Célio Debes, *Washington Luiz* - 1ª parte, págs. 161-164), sem desprezar o grave problema do sepultamento dos mortos, que obrigou a ampliação da área dos cemitérios, em número de dez, nos quais as inumações atingiram níveis espantosos, como a necrópole do Brás, em que a média dos sepultamentos passou de 150 corpos por dia.

Na Hospedaria dos Imigrantes, da Rua Visconde de Parnaíba, mil leitos foram destinados à recepção de doentes, assim se passando, também, no Instituto Profissional Masculino, da Rua Piratininga, transformado em hospital improvisado, com trezentos leitos, que a colônia italiana organizou sob a chefia do conde Alexandro Siciliano (cf. *O Estado*, edição de 29/10/1918), além da prestimosa colaboração do Instituto Mackenzie, que ofereceu o dormitório dos meninos, da Rua Piauí, ao governo do Estado, para ser utilizado como hospital.

Os níveis de mortalidade, a partir de meados de novembro, apresentaram sensível diminuição, sendo registrados, não obstante, em São Paulo 116.770 casos numa população pouco superior a meio milhão de habitantes, segundo as comunicações oficiais fornecidas pelo Serviço Sanitário, que apontou mais de 5 mil óbitos decorrentes da gripe.

Para premiar o espírito de sacrifício demonstrado pelos funcionários públicos empenhados no combate à epidemia, o chefe do governo estadual, por meio do Decreto nº 1.640, de 31 de dezembro de 1918, mandou acrescentar um ano de serviço na contagem de tempo das respectivas aposentadorias.

Promoções escolares por decreto

Diante da prolongada duração da epidemia, que afetou o funcionamento das escolas, o governo federal houve por bem baixar o Decreto nº 3.603 de 11 de dezembro de 1918, declarando promovidos para o ano ou a série imediatamente superior àqueles em que estivessem matriculados todos

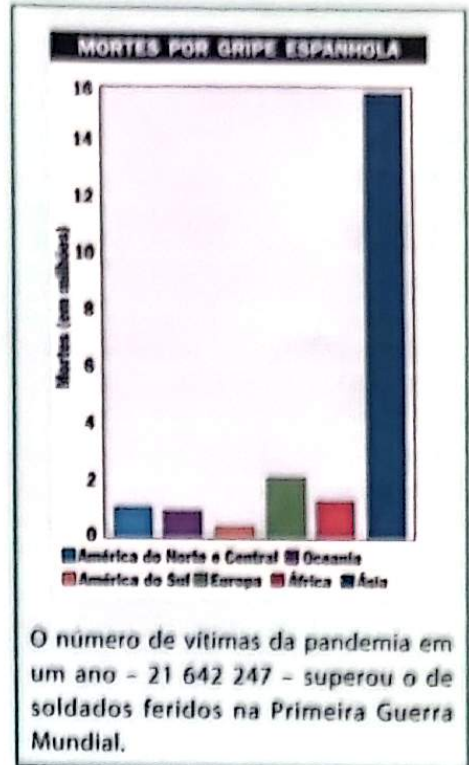
os alunos das escolas superiores ou faculdades oficiais, compreendendo o Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro e escolas militares, bem como os estabelecimentos de ensino equiparados ou sujeitos à fiscalização federal, "ficando dispensado dos exames vestibulares o aluno que houver terminado o curso preparatório até o dia 30 de março de 1919" (art. 1º, § 4º), sem prejuízo do pagamento das taxas de matrícula, tudo nos termos do Decreto nº 11.530, de 18/3/1915.

A insólita medida que beneficiou cerca de trezentos calouros da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, matriculados no início de 1919, motivou a reação enérgica de alguns professores da academia, dentre os quais Reynaldo Porchat, que passou veemente descompostura na classe premiada, além de verberar a medida governamental, assinada pelo presidente Delfim Moreira, cuja palavra ganhou ressonância na Liga Nacionalista, chefiada por Frederico Vergueiro Steidel, que desaprovava as facilidades oferecidas aos estudantes pelo famigerado decreto (cf. Francisco Pati, *O Espírito das Arcadas*, págs. 13-16, 1950).

Paulo Duarte, também beneficiado pela excepcional medida como aspirante ao curso superior, apresentou seu testemunho acerca da extensão da tragédia e a apreensão dos alunos secundaristas diante da suspensão das aulas e dos exames, receosos com a perda do ano letivo (cf. *Memórias*, vol. IV, pág. 431, Editora Hucitec, 1976), constando do relatório do diretor interino da faculdade de direito, Antonio Amancio Pereira de Carvalho, que, com apoio no mesmo decreto, pediram promoção e foram promovidos com dispensa dos exames 233 alunos, sendo 53 do 1º ano, 35 do 2º, 60 do 3º, 185 do 4º, e 14 do 5º ano, o último do curso, todos considerados aprovados nos termos do art. 1º, § 3º, do citado ato presidencial (cf. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo* - anos 1914-1925, vol. XXII).

A gripe na pauta do tribunal de justiça

Refere Plínio Barreto numa crônica estampada no jornal *O Estado*, edição de 13/7/1919, que um farmacêutico estabelecido no interior, durante a epi-



demia de gripe, teve ocasião de acudir inúmeros doentes que sem o seu cuidado acabariam à míngua.

Como não havia médicos no local em número suficiente para atender às necessidades da população, o referido boticário, no exercício da medicina transitória, pôde salvar uma doente, com sacrifício, porém, do feto que ela trazia no ventre.

Foi processado, por isso, como incurso nas sanções do Código Penal, visto que ele não possuía um diploma para lhe atenuar ou absolver a infelicidade ou a suposta imperícia, sendo condenado.

O tribunal, todavia, considerou iníqua a condenação e reformou a sentença do juízo de primeiro grau, para absolvê-lo, atendendo às circunstâncias angustiosas em que ele se vira obrigado, por simples sentimento de caridade, a exercer a profissão que não era a sua e que é, afinal, praticada por toda a gente, se alguma verdade ainda encerram os provérbios populares: "De médico e de louco todo mundo tem um pouco" (cf. *Vida Forense*, págs. 101-102).

A gripe não distingue pessoas

Além de preciosas vidas ceifadas no próprio corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, como a de Theodoro da

Silva Bayma, Eduardo Henrique Martinelli e muitos outros, compreendendo enfermeiros e humildes serventes do Desinfetório Central, o "príncipe dos poetas brasileiros" – Olavo Bilac –, que já andava mal de saúde, contralutou a gripe no Rio de Janeiro, onde faleceu na madrugada de 28 de dezembro de 1918, seguindo-se o óbito do presidente Rodrigues Alves no mês de janeiro de 1919, também atacado da mesma moléstia em Guaratinguetá, sem tempo de assumir o cargo no dia 15 de novembro, para o qual fora reeleito, de maneira a propiciar a posse do vice-presidente Delfim Moreira (cf. Afonso Arinos de Mello Franco, *Rodrigues Alves*, 2º vol., págs. 838-841, José Olympio Editora, 1973).

Graças à mobilização das autoridades e do povo em geral, numa comovente solidariedade humana, a terrível epidemia não assumiu maiores proporções em São Paulo, que voltou à normalidade em princípios de 1919, só reaparecendo, sob novo caráter, em 1957, denominada gripe asiática, descoberta na China em fevereiro desse ano, que alcançou Hong Kong no mês de abril e se alastrou para Cingapura, Taiwan, Japão, Índia, Austrália e a Indonésia, onde deixou um saldo de 1 milhão de mortos, bastante semelhante ao surto de *influenza* que assolou em 1968 e se espalhou por vários países da Ásia e Oceania, até chegar na América do Norte, pela Califórnia, trazida por soldados que retornavam

do Vietnã, de onde passou para América do Sul e África em meados de 1969. Oxalá o Brasil escape do roteiro mórbido da nova pandemia, que partiu do mesmo foco – a China continental – e ameaça a população do globo terrestre.

Emeric Lévy

é desembargador, coordenador do Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo, professor de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, membro da Academia Paulista de História, do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito, e sócio-titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Anedotário médico (parte II)

Oswaldo Lacreta

O médico diz ao amigo: "Ali vai a única mulher que eu ame!" "Por que você não se casou com ela?" "Isso eu não posso fazer, ela é minha melhor cliente!"

A um homem que apreciava perflustar livros de medicina para curar-se, o famoso curador berlinense doutor Markus Herz disse: "Ele ainda vai morrer por erro tipográfico!"

Carl Ludwig, grande fisiologista, em uma de suas aulas, retirou grande parte do cérebro de uma rã para mostrar movimentos reflexos. Ela, repentinamente, deu um salto e atingiu o rosto de um dos estudantes que, assustado, soltou um grito enquanto os demais puseram-se a rir ruidosamente. Ludwig logo disse: "Meus senhores, vejam, tão pouco cérebro provoca bastante riso".

Certo operador francês tratava a mulher de um conde. Na primeira visita, o conde ofereceu-lhe excelente almoço, terminado com charuto. A paciente melhorou. Na próxima visita, nada de almoço e o conde apenas apresentou-lhe o acendedor. O médico rolou o cigarro entre os dedos e disse: "Sabe, senhor conde, que sua esposa passa bem, mas não tanto assim!"

"Papai", perguntou a filha de emérito cirurgião, "para que serve o apêndice?" "Minha filha", retrucou-lhe o pai, "o último que eu retirei serviu para pagar o casaco de sua mãe".

O simpático titular de obstetrícia da Universidade de Viena ministrou várias aulas em São Paulo e, nos almoços oferecidos, seu filho, de 12 anos, não cansava de comer bananas à sobremesa, ficou abismado com o sabor da fruta!

"A intervenção é muito perigosa?" indagou preocupado o enfermo. Resposta: "Por 40 dólares inexistente operação perigosa!"

O doente ao doutor: "Por que o senhor tornou-se dermatologista?" "Por três motivos: o doente não me acorda à noite, não morre e não se cura."

Mãe e filha vão ao esculápio. Este fala à moça de 18 anos: "Dispa-se." A mãe, nervosa, não gostou: "Sou eu quem estou doente." "Então, por favor, mostre-me a língua!"

O médico pesa a cliente, se assusta do peso excessivo e lhe diz gravemente: "A senhora só tem duas possibilidades: perder 20 quilos ou crescer 1 metro e 20 centímetros!"

GEROCULTURA



Irany Novah Moraes

Longevidade é conquista duvidosa; qualidade de vida é conquista garantida.

Gerocultura, palavra de raiz grega – gero = idoso + cultura –, indica uma especialidade nova que surge para cuidar de problema antigo. Respeitando a sonoridade harmônica, optei entre gerontocultura que poderá ser seu sinônimo. Estes termos ocorreram-me ao estudar a matéria para atender ao convite do presidente da Academia Brasileira de Medicina Antienvhecimento, O doutor Kose Horibe, para proferir conferência inaugural do III Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Medicina Antienvhecimento coordenado pela doutora Edith Kawano Horibe a realizar-se em setembro de 2003 em São Paulo. O referido convite foi para apresentar *Reflexões sobre o envelhecimento*, com particular enfoque no que diz respeito a garantir a qualidade de vida do idoso.

Considerando o fato de minha iniciação na vida acadêmica até doutorar-me ter sido feita no Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo com Renato Locchi e por esse privilégio ser membro fundador da Sociedade Brasileira de Anatomia, fui tocado pelo fascínio que todo anatomista sente em dar nomes. Assim, nessa oportunidade após reflexão sobre a matéria procurei definir o período, no decorrer da vida do ser humano, no qual devesse focalizar a atenção com o intuito de garantir a velhice saudável. Veio-me à mente estabelecer analogia teórica da geriatria com a pediatria e procurando encontrar uma simetria nessa comparação surgiu a idéia de procurar simetria com a puericultura. Assim estabeleci uma regra de três e localizei o x da questão no local pré-definido –

puericultura: pediatria:: X : geriatria. Falta definir o nome do X. Socorreu-me Ramiz Galvão quanto à raiz grega de velhice ou de idoso, gero, e nasceu a gerocultura no dia 19 de junho de 2003; e como, na verdade, a idéia veio pela puericultura, vou lembrar que esse termo vindo pelo francês foi dicionarizado em 1869.

A representação matemática fica, pois, da seguinte forma:

Puericultura: pediatria::

Gerocultura: geriatria

ou simplesmente

P: p :: G: g

Embora batizada hoje, com o registro desse nome, neste documento lembro, é aspiração da humanidade manifestada há cinco milênios, quando Gilgamesh (3.000 a.C.), na Mesopotâmia, consultou um sábio para saber como vencer a morte. Este recomendou: vença primeiro o sono durante sete dias e sete noites; assim vencida a barreira do sono, terá condições para garantir a longevidade.

Gerocultura é o conjunto de meios próprios para assegurar o envelhecimento sadio e, assim, garantir a qualidade de vida do idoso. É o que os franceses chamam de gerontologia preventiva, como sendo a prevenção do envelhecimento patológico, melhor dito, a prevenção do envelhecimento doentio (patologia não é doença e, sim, estudo da doença), mas que, a meu ver, seria geriatria preventiva, *mutatis mutandi* – é fazer para o idoso o que a puericultura faz pela criança.

Há várias décadas o professor Isaac Nicolau Salum, da Faculdade de Filo-

sófia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sentiu a dificuldade dos cientistas em traduzir para o português muitas expressões inglesas. Essa anglofilia chega a ponto de esquecer expressões como diapositivo para professor *slide*, flagrante desrespeito ao vernáculo.

Diante desse fato o professor Salum propôs à USP a criação de uma comissão de lingüistas dentro da Edusp para receber da comunidade científica as palavras estrangeiras, indicando seu significado, e propor-lhes uma tradução sonora e adequada que, aceita pelos cientistas, poderia ser dicionarizada.

Fortalece minha sugestão o fato de constar no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado pela Academia Brasileira de Letras em 1998, a raiz grega gero e palavras por ela iniciada, portanto, oficialmente dicionarizadas, como, v.g., gerocomia, para indicar higiene da pessoa idosa.

Apresento à comunidade médica – e particularmente àqueles que se interessam, estudam e publicam na área de interesse dos que procuram melhorar a qualidade de vida do idoso – e proponho esse neologismo para significar dar tempo ao idoso para “ficar sábio antes de ficar velho” e assim responder à indagação de Shakespeare, “por que você ficou velho antes de ficar sábio?”

Peço aos colegas que discutam e adotem o que se lhes aprovar. Esta é minha sugestão, salvo melhor julgamento.

Irany Novah Moraes
é professor de Medicina.

Divaldo Gaspar de Freitas

Afiz Sadi

Na data de 25 de maio de 1989, como presidente desta casa, tive a honra de recepcionar meu direito amigo Divaldo Gaspar de Freitas na sua posse como titular da Cadeira 21, sucedendo a Gastão Pereira da Silva, fundador da mesma e tendo como patrono Sigmund Freud. Jamais poder-se-ia traçar o perfil de Divaldo nestes poucos minutos à sua homenagem póstuma. Para aqueles que não o conheceram, eu diria que foi médico, nascido em Piracicaba; formado na Universidade de Coimbra em Portugal e um intranquilo intelectual. Por sua sugestão, fundamos em 1987 a Biblioteca de História da Medicina na Escola Paulista de Medicina (Unifesp), doando os primeiros quatrocentos títulos para a constituição da mesma e anexando-a à reitoria da universidade.

Dez anos após, ao nosso desligamento da diretoria da biblioteca nela constavam mais de 3 mil volumes sobre história da medicina; e em prédio próprio, situado na Rua Loeffgren, na Vila Clementino. Divaldo era um jovem na originalidade de tudo que fazia ou propunha fazer. Trabalhador indômito, linguísta de escol, crítico construtivo, incentivador invejável, perquiridor incansável. Conferencista de alto coturno, historiador, publicou vários trabalhos, como a biografia do marquês de Pombal; do primeiro médico nomeado pela corte no Brasil, José Picanço; de Bartolomeu Lourenço de Gusmão; de Pedro Álvares Cabral, entre outros como Emudecem os rouxinóis do Mondego.

Divaldo foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia de História de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, além de uma série de outras instituições nacionais e estrangeiras. Conheci-o no início de 1970, quando juntos trabalhamos nessa última sociedade e em seguida por mais de dez anos, diariamente na Biblioteca de História da Medicina. Brasileiro de Piracicaba, amante de Coimbra, no seu atavismo dividia-se no seu amor à terra mãe e à profissão:

"Duas pátrias eu tenho; e cada qual mais bela.

O meu amor a esta exalta o amor àquela.

E nem isto pareça estranho ou maravilha;

Na filha amar-se a mãe: na mãe rever-se a filha.

E mais: sendo dos dois a nobre pátria mãe

a linda pátria filha é minha irmã também."

Como todo intelectual foi um sonhador que sabia sonhar sonhando, mas Divaldo Gaspar de Freitas conseguia sonhar realizando.

Agradeço a anuência do senhor presidente deste sodalício, por estes minutos de despedida ao nosso companheiro Divaldo e aos presentes pela paciência de me ouvirem e, destarte, eu diria que a academia se entristece e se empobrece com tamanha perda. Silêncio no meu espaço. O passado dá asas à imaginação. Lembranças de um tempo remoto. Trajeto percorrido íngreme, alegrias, tristezas, pensamentos. Contato febril das emoções. E a lágrima da lembrança umedece a face rugosa com a gota salgada que rola sentida.

São Paulo, aos 25 dias do mês de junho de 2003.

Afiz Sadi

é médico e membro da Academia Cristã de Letras.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira